

CAMPANIFORME DA BARRADA DO GRILLO
(TORRÃO — VALE DO SADO)

Por

M. FARINHA DOS SANTOS, JOAQUINA SOARES
E CARLOS TAVARES DA SILVA

I

1. Em meados de 1960, quando andava a fazer escavações no concheiro epipaleolítico da Várzea da Mó (situado perto do Torrão, no Vale do Sado), o Senhor Jaime Pereira Roldão, funcionário do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, foi informado da existência de um local denominado Barrada do Grilo, nas proximidades, onde lhe disseram que afluavam, à superfície, conchas de berbigão (*Cardium edule*).

Julgando tratar-se de mais um concheiro epipaleolítico, a acrescentar aos outros descobertos naquela região do Vale do Sado, o Senhor Roldão deu notícia dessa possível jazida ao Professor Manuel Heleno, então director do referido museu, que o mandou efectuar ali sondagens, de 3 a 22 de Agosto desse ano, num total de 16 dias de trabalho.

Fizeram-se, assim, na Barrada do Grilo 12 sondagens dirigidas pelo Senhor Roldão, em que participaram seis operários que se incum-

biram do desmonte, transporte e crivagem das terras e da recolha do espólio.

Embora, habitualmente, o Senhor Roldão fizesse sondagens até à rocha, com 10 metros de comprimento e sempre com 0,80 m a 1 m de largo, a leitura do rascunho do seu relatório, a que adiante nos referiremos, revela-nos que não ficou registo da área das cinco primeiras e da sétima sondagens, que a sexta tinha 8 metros de comprimento e da oitava à décima segunda todas apresentavam 10 metros de comprimento.

Findas essas extensas sondagens numa superfície calculada, *grosso modo*, entre cerca de 700 a 1000 metros quadrados, o espólio, cuidadosamente recolhido, ingressou no referido museu e o Senhor Roldão apresentou ao Professor Heleno o habitual relatório com a indicação do que se fez dia a dia no que respeita à espessura das camadas observada em cada sondagem e ao respectivo espólio, juntando a essa espécie de diário o esboço de uma planta onde marcara os sítios das sondagens.

Tal documentação que pertence, legalmente, ao arquivo do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, ainda se encontra na posse dos herdeiros do Professor Heleno.

Apesar das esforçadas diligências feitas pelo actual director do museu, esses herdeiros ainda não entregaram os relatórios das escavações efectuadas no tempo do Professor Heleno, com o maior prejuízo para o estudo de numerosas estações arqueológicas que, lamentavelmente, se encontram inéditas.

Quando o Professor D. Fernando de Almeida atribuiu a um dos signatários (M. F. S.) a responsabilidade do estudo das jazidas arqueológicas do Vale do Sado inéditas, este foi encontrar, ignorado nas gavetas do museu em referência, ainda que bem arrumado e etiquetado, o espólio recolhido na Barrada do Grilo.

Como o estudo dos materiais do Vale do Sado existentes nesse museu é tarefa ciclópica que exige trabalho de grupo, agregaram-se a esta investigação, com a anuência do Professor D. Fernando de Almeida, os outros dois signatários (J. S. e C. T. S.), aliás companheiros de trabalho do primeiro em muitas outras pesquisas arqueológicas desde fins de Junho de 1972.

Agradecemos ao Senhor Professor D. Fernando de Almeida, director do Museu de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, a confiança que depositou em nós ao escolher-nos para fazer o estudo sistemático do espólio inédito das jazidas pré-históricas do Vale do Sado.

Expressamos, também, o nosso reconhecimento ao Senhor Jaime Roldão, dedicado funcionário do mesmo museu, por nos ter facultado a consulta do rascunho do relatório respeitante às sondagens da Barrada do Grilo, que enviara ao Professor Heleno. Essa cópia ingressará, por expresso desejo do seu autor, no arquivo do museu em referência.

Não tivemos a mesma sorte com a planta das sondagens em virtude de não haver borrão da mesma.

2. SITUAÇÃO

A Barrada do Grilo situa-se no concelho de Alcácer do Sal, freguesia do Torrão, herdade da Várzea da Mó, a cerca de 400 metros para Norte do km 83 da estrada nacional n.º 5 - 2 (Alcácer-Torrão) e aproximadamente a 12 km (por estrada) da última das vilas, na margem esquerda da ribeira de Argalé, a

38° 16' 10" N.

0° 47' 52" E. de Lisboa (¹)

e à cota de 69 m.

3. GEOMORFOLOGIA

Elevação de pequena altitude com a parte superior sensivelmente plana, de contorno sub-rectangular e tendo cerca de 100 m de comprimento por 50 m de largura. O seu eixo maior está orientado segundo a direcção E.-W.

(¹) Segundo a folha 486 (1:25.000) dos Serviços Cartográficos do Exército (edição de 1945).

As encostas são suaves. Quase imperceptível, a do lado Sul prolonga-se pela peneplanície. A encosta Norte, vertente do amplo vale de Argalé, é a que vence maior desnível, sem contudo ser abrupta; cai em pequenos patamares até ao leito da ribeira do mesmo nome, afluente do Sado. As encostas Este e Oeste assemelham-se à setentrional; pelos vales de que são flancos correm cursos de água de débil caudal.

Podemos considerar pouco importantes as condições naturais de defesa deste povoado. De notar que do cimo da Barrada do Grilo não é observável o fundo dos vales nem completamente dominadas as encostas que dão para eles.

4. MEIO ARQUEOLÓGICO

Localiza-se a Barrada do Grilo no seio da região dos concheiros epipaleolíticos do Vale do Sado:

— O da Várzea da Mó ⁽²⁾, a cerca de 1800 metros para Oeste e também na margem esquerda da ribeira de Argalé;

— o de Vale de Romeiras ⁽²⁾ e o do Cabeço do Pez ⁽²⁾ a cerca de 2 km para S., na margem direita do Sado;

— o das Amoreiras ⁽²⁾, a cerca de 3 km para SW., na margem esquerda do Sado, perto de S. Romão, eis os mais próximos de entre muitos outros como Portancho ⁽³⁾, Quinta de Baixo ⁽³⁾, Poças de S. Bento ⁽²⁾, Vale de Guiso ⁽²⁾, Arapouca ⁽²⁾, Barranco da Moura ⁽⁴⁾ e Fonte da Mina ⁽⁵⁾, que os signatários trazem neste momento em estudo.

A Barrada do Grilo é, por enquanto, a única estação de povoado, conhecida, com ocupação do período calcolítico e a primeira que ferneceu cerâmica campaniforme em toda a região do médio Sado.

⁽²⁾ M. Farinha dos Santos — «Pré-História de Portugal», Lisboa, 1972.

⁽³⁾ A. Leren Barradas — «Concheiros do Vale do Sado», *Anais da Fac. de Ciências do Porto*, T. XXI. Porto, 1936.

⁽⁴⁾ M. Farinha dos Santos — «Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola», *O Arq. Português*, vol I (S. III). Lisboa, 1967.

⁽⁵⁾ M. Farinha dos Santos — «Concheiro mesolítico da Fonte da Mina, Grândola», *O Arq. Port.*, vol. II (S. III). Lisboa, 1968.

5. ESCAVAÇÃO

Os trabalhos de escavação até agora realizados consistiram em 12 sondagens que revelaram duas camadas (de cima para baixo):

C.1 — Terra remexida pelo arado. Esp. 0,30 m — 0,35 m.

C.2 — Terra não remexida pelo arado, cinzenta e, de um modo geral, possuindo conchas de moluscos nas sondagens 2, 4, 5 e 8. A sua espessura varia entre 0,10 m e 0,45 m.

As sondagens 1 e 12 mostraram-se arqueologicamente estéreis. Nas 6, 7 e 10 encontrou-se apenas a C.1.

Embora não conheçamos a localização das sondagens na estação, visto o rascunho do relatório não fornecer indicações nesse sentido, é-nos possível, com base na distribuição do espólio pelas sondagens, dividi-las em dois grupos que certamente correspondem a duas ocupações cronologicamente distintas.

Com efeito, verifica-se que nas sondagens 2, 3, 4, 6 e 7 apareceram conchas de *Cardium edule* e de *Scrobicularia plana* (esta espécie não apareceu na 7), moluscos muito comuns nos concheiros epipaleolíticos do Vale do Sado, juntamente com peças de feição epipaleolítica (sonds. 2, 3 e 4); em contrapartida não forneceram cerâmica, nem outro material típico do Calcolítico. A sond. 5, com as primeiras daquelas características, deu, no entanto, dois fragmentos de cerâmica lisa.

As sondagens 8, 9, 10 e 11 não proporcionaram nenhuma peça de feição epipaleolítica; foram estéreis em conchas de *Cardium edule* (à excepção da n.º 8) e de *Scrobicularia plana*; enxumaram-se peças líticas atribuíveis ao Calcolítico, abundante cerâmica lisa, cerâmica campaniforme e, no que se refere à fauna malacológica, valvas de *Tapes decussatus* (sond. 9), molusco marinho que se tem mostrado como dos mais abundantes nos povoados calcolíticos da Estremadura portuguesa, onde surge campaniforme (6).

(6) Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabita — «A utilização dos moluscos durante o Eneolítico português», *Rev. de Guimarães*, vol. LXXVI, Guimarães, 1966.

INVENTÁRIO DO ESPÓLIO RECOLHIDO POR SONDAGENS

- Sond. 1: — Estéril.
- Sond. 2: — 1 fragmento de segmento de círculo (?) de sílex. N.º 8^(?) (C.1)
 — 2 fragmentos residuais de sílex (C.2).
 — 1 fragmento de quartzo leitoso (C.2).
 — 1 fragmento de cristal de rocha (C.2).
 — Valvas de *Cardium edule* (C.1 e C.2).
 — Valvas de *Scrobicularia plana* (C.2).
- Sond. 3: — 1 lamela truncada de sílex. N.º 6 (C.1).
 — 1 fragmento de lamela de sílex, sem retoques. N.º 1 (C.1).
 — 3 fragmentos residuais de sílex (C.1).
 — Valvas de *Cardium edule* (C.1).
 — Valvas de *Scrobicularia plana* (C.1).
- Sond. 4: — 1 lamela de bordo abatido (?). N.º 9 (C.1).
 — 3 fragmentos residuais de sílex (C.1).
 — Valvas de *Cardium edule* (C.1 e C.2).
 — Valvas de *Scrobicularia plana* (C.1 e C.2).
- Sond. 5: — 1 segmento de círculo (?) N.º 7 (C.1).
 — 1 fragmento residual de sílex (C.1).
 — 3 fragmentos de quartzo cristal de rocha (C.1).
 — 1 fragmento de quartzo leitoso (C.1).
 — 2 fragmentos de cerâmica lisa, sem bordo (C.2).
 — Valvas de *Cardium edule* (C.1 e C.2).
 — Valvas de *Scrobicularia plana* (C.2).
- Sond. 6: — 2 fragmentos residuais de sílex (C.1).
 — 1 fragmento de quartzo cristal de rocha (C.1).
 — Valvas de *Cardium edule* (C.1).
 — Valvas de *Scrobicularia plana* (C.1).
- Sond. 7: — 2 fragmentos de quartzo cristal de rocha (C.1).
 — Valvas de *Cardium edule* (C.1).

(?) Número correspondente ao do inventário do espólio adiante descrito, bem como ao das reproduções gráficas.

- Sond. 8: — 1 lamela retocada de sílex. N.º 5 (C.1).
— 1 ponta de seta de base côncava e bordos laterais direitos. N.º 13 (C.1) (*).
— 1 fragmento residual de sílex (C.1).
— Fragmentos de cerâmica lisa, sem bordo (C.1 e C.2).
— Fragmento de cerâmica campaniforme. N.º 34 (C.1).
— Valvas de *Cardium edule* (C.1 e C.2).
- Sond. 9: — 1 fragmento de lamela, sem retoque, em sílex. N.º 2 (C.1).
— 1 lasca retocada em sílex. N.º 3 (C.2).
— 1 denticulado em quartzo. N.º 4 (C.1).
— 5 fragmentos de sílex (C.1).
— 1 fragmento de quartzo cristal de rocha (C.1).
— 1 pequeno cristal de quartzo (C.1).
— Abundantes fragmentos de cerâmica lisa, sem bordos (C.1 e C.2).
— Fragmentos de cerâmica lisa com bordo. N.ºs 22 e 26 (C.1). N.ºs 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, (C.2).
— 1 fragmento de cerâmica lisa com furo de suspensão. N.º 28 (C.2).
— 2 fragmentos de queijera (C.1 e C.2).
— Cerâmica campaniforme. N.ºs 31 e 36 (C.1). N.ºs 30, 32, 33, 35 e 37 (C.2).
— Valvas de *Tapes decussatus* (C.1).
- Sond. 10: — 2 fragmentos de sílex (C.1).
— 1 fragmento de quartzo leitoso (C.1).
— Fragmentos de cerâmica lisa, sem bordos (C.1).
- Sond. 11: — 1 fragmento de instrumento com retoque invasor, em sílex. N.º 11 (C.1).
— 1 fragmento de peça de sílex com retoque invasor. N.º 12 (C.1).
— 1 fragmento de peça de sílex com retoque invasor. N.º 10 (C.2).
— 5 fragmentos de sílex (C.2).
— Fragmentos de cerâmica lisa, sem bordo (C.1 e C.2).
— Cerâmica lisa, com bordo. N.º 17 (C.2).

No rascunho do relatório não são assinalados vestígios de muralhas ou de construções de outro tipo. Quando das nossas visitas à estação também não detectámos, por prospecção de superfície, restos de amuralhados.

(*) No rascunho do relatório é referida uma ponta de seta para a C.1 da sond. 5. A única ponta de seta que encontrámos entre o material proveniente da Barrada do Grilo estava guardada numa caixa com a indicação de sond. 8; C.1.

II

ANÁLISE DO ESPOLIO

1. PEDRA LASCADA

NOTAS SOBRE A TERMINOLOGIA

Directo (retoque) — Quando os negativos são feitos a partir da face inferior da peça (plano de separação da peça e do núcleo de onde foi extraída).

Inclinação — Ângulo formado pelo retoque com a face inferior da peça. Assim, o retoque pode ser, segundo Leroi-Gourhan (8) rasante ou plano (ca. de 10°), oblíquo (inferior a 70°), abrupto (ca. de 70°) e vertical (ca. de 90°).

Invasor (retoque) — Retoque muito plano, frequentemente de bordos sub-paralelos que parece realizado por pressão.

Inverso (retoque) — Quando os negativos são efectuados a partir da face superior.

Lamela — A peça cujo comprimento é igual ou superior a 2 x a largura e em que esta é inferior a 12 mm (Tixier (9)).

Lamela de bordo abatido — A que possui um bordo com retoques abruptos ou verticais (bordo abatido); regra geral apresenta vestígios de talão e bolbo de percussão e o bordo abatido é pouco arqueado.

Lamela truncada — Quando possui normalmente em uma ou, mais raramente, nas duas extremidades uma linha de retoques contínuos, regulares, verticais ou abruptos, a qual pode ser normal, oblíqua, côncava ou convexa. No caso da lamela apresentar duas truncaturas, a distância entre elas deve ser maior que o dobro da largura da peça; de contrário é incluída no grupo dos geométricos.

Segmento de círculo — Micrólito geométrico com a forma de um segmento de círculo. Arco obtido por retoques normalmente verticais e corda não retocada. «É um micrólito que pode ser facilmente confundido com uma lamela de bordo abatido» (Tixier (9)). O segmento de círculo tem de ter sempre o arco regular, sem assimetria apreciável e deve apresentar as duas extremidades não arredondadas.

1 (*) — Fragmento de lamela de sílex cinzento (N7 e N5) (10). Secção transversal trapezoidal. O bordo direito desapareceu quase por

(8) A. L. - G. — «Tableaux de morphologie descriptive» in «La Préhistoire», P.U.F., Paris, 1968

(9) Jacques Tixier — «Typologie de l'épipaléolithique du Maghreb». Paris, 1963.

(*) O número de inventário é o mesmo do da reprodução gráfica.

(10) Código de cores adoptado: «Roch-Color Chart», The Geological Society of America, Boulder, Colorado, 1970.

completo. Bordo esquerdo sem retoques e com vestígios de utilização em toda a extensão. Compr. indeterminado; larg. 12 mm; esp. máx. 2 mm. (Sond. 3; C.1).

2 — Fragmento de lamela de sílex cinzento (N5). Secção transversal triangular. Vestígios de bolbo e de plano de percussão. Sem retoques. Compr. indeterminado; larg. 8 mm; esp. máx. 2 mm. (Sond. 9; C.1).

3 — Lasca retocada de sílex castanho-amarelado-escuro («pardo») (10 YR4/2) com pequenas manchas brancas. Secção transversal subtriangular. O bordo esquerdo possui na sua parte distal retoques muito pequenos, contínuos, oblíquos e directos, e na proximal retoques maiores, abruptos e directos. O bordo direito está fragmentado na parte distal e mostra retoques irregulares, abruptos e directos em toda a restante porção do bordo. Comp. 28 mm; larg. 33 mm; esp. 7 mm. (Sond. 9; C.2).

4 — Denticulado fragmentado, em quartzo leitoso. A secção transversal é um triângulo rectângulo. Bordo esquerdo com dois pequenos entalhes («encoches») completamente retocados; negativos pequenos e oblíquos. Compr. e larg. indeterminados; esp. 2 mm. (Sond. 9; C.1).

5 — Lamela fragmentada com retoques em um dos bordos, de sílex acinzentado-claro (N6). Secção transversal trapezoidal. Bordo esquerdo com retoques muito pequenos, abruptos e directos. Bordo direito não retocado, com vestígios de utilização. Compr. indeterminado; larg. 11 mm; esp. 2 mm. (Sond. 8; C.1).

6 — Lamela truncada, de sílex esbranquiçado com manchas cinzento-acastanhadas (5YR4/1). Secção transversal triangular. Bordos não retocados. Extremidade distal com truncatura levemente côncava, possuindo retoques pequenos, abruptos e directos. Compr. 18 mm; larg. 8 mm; esp. 2 mm. (Sond. 3; C.1).

7 — Fragmento de segmento de círculo (?) (é abusivo classificar categoricamente esta peça, visto faltar-lhe uma das extremidades), de sílex acinzentado (N6), com zonas brancas. Secção transversal trapezoidal. Bordo esquerdo com retoques verticais, directos. Gume sem retoques e com vestígios de utilização. Compr. indeterminado. Larg. 5 mm; esp. 2 mm. (Sond. 5; C.1).

8 — O mesmo que se disse para o número anterior é válido para a presente peça. Contudo esta apresenta o bordo abatido muito arqueado. Sílex cinzento-acastanhado (5YR4/1) com pontos esbranquiçados. Secção transversal trapezoidal. Bordo arqueado com retoques muito pequenos na zona mesial, tornando-se um pouco maiores na proximal, abruptos e verticais, directos. Gume sem retoque. Compr. indeterminado; larg. 7 mm; esp. 2 mm. (Sond. 2; C.1.).

9 — Lamela de bordo abatido ou segmento de círculo fragmentado em uma das extremidades, de sílex cor de café com leite (5YR5/2). Secção transversal subtriangular. Bordo pouco arqueado abatido por retoques verticais e directos. Comp. indeterminado; larg. 4 mm; esp. 3 mm. (Sond. 4; C.1.).

10 — Fragmento de peça indeterminada, em sílex cinzento-claro acastanhado (5YR5/1). Secção transversal plano-convexa. Retoque nas duas faces. Retoques pequenos, oblíquos na zona distal e na face inferior. No bordo esquerdo (face superior) retoques um pouco maiores e abrupto-verticais. Compr. indeterminado; larg. 11 mm; esp. 3 mm. (Sond. 11; C.2.).

11 — Fragmento de instrumento com retoque invasor, bifacial, de sílex cinzento (N5) e branco. Face superior completamente retocada. Face inferior retocada parcialmente. Compr. e larg. indeterminados; esp. 6 mm. (Sond. 11; C.1.).

12 — Fragmento de peça indeterminada, com retoque invasor, de sílex cinzento-acastanhado claro (5YR6/1). Face superior retocada. Face inferior com alguns retoques. O único bordo existente possui retoques oblíquos e directos. Compr. e larg. indeterminados; esp. 3 mm. (Sond. 11; C.1.).

13 — Ponta de seta de base côncava e bordos direitos, de sílex rosa-acinzentado (10R7/2) com manchas castanho-claras (5YR5/6). Secção transversal triangular. Retoque irregular bifacial, total na face superior e parcial na face inferior. Compr. presumível 30 mm; larg. 16 mm; esp. 4 mm. (Sond. 8 C.1.).

O espólio lítico parece denunciar dois períodos de ocupação. O mais antigo, embora com pouco material o que não permitiu proceder a um estudo estatístico, talvez se possa atribuir ao Epipaleolítico

Final e está representado por uma lamela truncada, dois segmentos de círculo (?) e uma lamela de bordo abatido (?). A distribuição espacial deste espólio na Barrada do Grilo corresponde à do *Cardium edule* e *Scrobicularia plana*, espécies malacológicas dominantes nos concheiros epipaleolíticos da região; difere completamente da distribuição da cerâmica campaniforme e, parcialmente, da lisa (só 2 fragmentos, na sond. 5).

Na Moita de Sebastião⁽¹¹⁾ que tem analogias com Cocina I, as lamelas de bordo abatido surgem em 1,20 % e os segmentos em 0 %. A data obtida para esta estação (C14) é de 5.400 a.C.. O Cabeço da Amoreira⁽¹²⁾ datado de 5.080 a 4.100 a.C., apresenta paralelos com Cocina II. Forneceu lamelas de bordo abatido em 5,65 % nos níveis inferiores e 7,03 % nos níveis superiores; segmentos de círculo em 0,94 % nos níveis inferiores e 4,39 % nos superiores. Em Cocina⁽¹³⁾ é no período III que as lamelas de bordo abatido e os segmentos de círculo atingem o maior desenvolvimento. O aparecimento de cerâmica cardial em Cocina III permite considerar esse período cronologicamente do Neolítico, embora culturalmente esteja mais próximo do Epipaleolítico. Trata-se, pois, segundo Fortea de um Epipaleolítico com influências neolíticas.

O segmento de círculo surgiu, embora muito raramente, em algumas estações calcolíticas da Estremadura portuguesa. Assim, apareceu 1 no Zambujal⁽¹⁴⁾ e 1 na tholos do Pai Mogo⁽¹⁵⁾.

O restante espólio lítico da Barrada do Grilo pode corresponder a uma ocupação do Calcolítico Superior — Campaniforme. O instru-

(11) Jean Roche — «Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião». Lisboa, 1960.

(12) Jean Roche — «Balance de un siglo de excavaciones en los concheros de Muge», *Ampurias*, XXVIII. Barcelona, 1966.

(13) Javier Fortea Perez — «La cueva de la Cocina», *Trabajos Varios*, n.º 40, SIP. Valencia, 1971.

(14) Gretel Gallay e Konrad Spindler — «Varatojo und Lapa do Suão», *Madriider Mitteilungen*, 13. 1972.

(15) Konrad Spindler e Gretel Gallay — «Die tholos von Pai Mogo/Portugal», *Madriider Mitteilungen*, 13. 1972.

mento de retoque invasor bifacial é comum no Calcolítico da Estremadura portuguesa bem como a ponta de seta de base côncava que na Rotura surge em todos os níveis. Em Montum a única ponta de seta em pedra que apareceu é deste tipo e o contexto claramente campaniforme⁽¹⁶⁾. A distribuição espacial destas peças na Barrada do Grilo coincide com a das cerâmicas e corresponde à da *Tapes decussatus*, espécie abundante nos povoados calcolíticos da península de Lisboa e Setúbal (Chibanes, Fornea, Liceia, Outeiro da Assenta, Pedrão, Penha Verde, Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, Rotura, etc.⁽¹⁷⁾). No último destes povoados é a espécie predominante em todos os níveis⁽¹⁸⁾.

2. CERÂMICA LISA

14 — 2 fragmentos de taça média⁽¹⁹⁾. Bordo sem espessamento, de lábio plano. Superfície mal alisada, irregular, acastanhada (5YR6/6) com manchas cinzentas (N3). Superfície interna bem alisada, acinzentada (N3 a N6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa acastanhada e acinzentada (5YR6/6 e N3); zona intermédia castanho-avermelhada (10R5/6); zona superficial interna acinzentada (N3 a N6). Textura compacta com elementos não plásticos de um modo geral menores que 1 mm. Finas partículas de mica. Diâmetro na boca ca. de 320 mm; altura ca. de 120 mm; esp. 9/11 mm. (Sond. 9; C.2).

⁽¹⁶⁾ O. da Veiga Ferreira, G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T. North e H. Reynolds de Sousa — «A contribuição do *agro setubalense* para o conhecimento da cultura do vaso campaniforme em Portugal», comunicação ao I Colóquio Arqueológico da Península de Setúbal (1973).

⁽¹⁷⁾ Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita — op. cit.

⁽¹⁸⁾ O. da Veiga Ferreira e Carlos Tavares da Silva — «A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar», *Actas das I Jornadas Arqueológicas da A.A.P.*, vol. II, Lisboa, 1970.

⁽¹⁹⁾ Na designação das formas cerâmicas segue-se Carlos Tavares da Silva — «O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Coimbra, 1971.

15 — Fragmento de vaso presumivelmente semi-esférico. Bordo sem espessamento, de lábio aplanado. Superfície externa alisada, estalada, de cor não uniforme: acastanhada (5YR5/6) com manchas acinzentadas (N2). Superfície interna alisada, estalada e da mesma cor. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa acastanhada e acinzentada (5YR5/6 e N2); zona intermédia castanho-escura (10YR2/2); zona superficial interna como a externa. Textura pouco compacta com abundantes elementos não plásticos de quartzo maiores do que 1 mm. Esp. 5/8 mm. (Sond. 9; C.2).

16 — Fragmento de vaso presumivelmente semi-esférico. Bordo não espessado de lábio convexo. Superfície exterior alisada, acastanhado-clara (5YR 6/2). Superfície interna alisada, da mesma cor. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa acastanhado-clara (5YR6/2). Textura pouco compacta com elementos não plásticos de quartzo raramente atingindo 1 mm. Esp. 6/8 mm. (Sond. 9; C.2).

17 — Fragmento de presumível taça. Bordo sem espessamento, de lábio convexo. Superfície externa bem alisada, castanha escura (10YR2/2) ou negra, com manchas castanhas mais claras (10YR5/4). Superfície interna alisada, negra. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa negra; zona intermédia castanha (5YR3/4); zona superficial interna negra. Textura friável com abundantes grãos de quartzo maiores que 1 mm. Esp. 6/9 mm. (Sond. 11; C.2).

18 — Fragmento de taça média. Bordo não espessado, de lábio convexo. Superfície externa bem alisada, negra. Superfície interna alisada, cinzento-acastanhada (5YR4/1). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa negra; zona intermédia castanho-amarelada (10YR5/4); zona superficial interna cinzento-acastanhada (5YR4/1). Textura pouco compacta com alguns elementos não plásticos superiores a 1 mm. Diâmetro na boca ca. de 165 mm; alt. ca. de 60 mm; esp. 4/6 mm. (Sond. 9; C.2).

19 — Fragmento de taça ou de semi-esférico. Bordo sem espessamento, de lábio convexo. Superfícies externa e interna alisadas e negras. Secção da parede totalmente negra ou castanha muito escura

(5YR2/2). Textura pouco compacta, com numerosos grãos de quartzo maiores que 1 mm. Esp. 5/6 mm. (Sond. 9; C.2).

20 — Fragmento de presumível taça. Bordo sem espessamento, de lábio convexo. Superfícies externa e interna alisadas e de cor castanha (5YR5/6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial castanha (5YR5/6); zona intermédia castanha escura (5YR2/2); zona superficial interna como a externa. Textura pouco compacta com numerosos elementos não plásticos entre 0,5 e 1 mm. Esp. 5/8 mm. (Sond. 9; C.2).

21 — Fragmento de vaso de forma indeterminada. Bordo sem espessamento e de lábio em bisel. Superfície externa alisada, castanho amarelada (10YR5/4) com manchas escuras (10YR2/2). Superfície interna alisada, castanho-acinzentada (10YR2/2). Secção da parede, de fora para dentro: espessa zona externa castanho-amarelada (10YR5/4); fina zona interna castanho-acinzentada (10YR2/2). Textura semi-compacta com abundantes elementos não plásticos com ca. de 0,5 mm e alguns superiores a 1 mm. Presença de mica. Esp. 7/10 mm. (Sond. 9; C.2).

22 — Fragmento de vaso de forma indeterminada. Bordo sem espessamento, de lábio plano. Superfície externa erodida, castanho-amarelada (10YR6/4). Superfície interna castanha muito escura quase negra (10YR2/2). Secção da parede, de fora para dentro: zona externa castanho-amarelada (10YR6/4); zona interna castanho-escura (10YR2/2). Textura compacta com elementos não plásticos de um modo geral inferiores a 0,5 mm (alguns superiores a 1 mm). Esp. 8 mm. (Sond. 9; C.1).

23 — Fragmento de vaso esférico de bordo reintrante, sem espessamento e de lábio convexo. Superfície externa alisada, negra, com manchas castanho-avermelhadas (10R4/6). Superfície interna negra. Secção da parede, de fora para dentro: nuns pontos, zona externa castanho-avermelhada (10R4/6) e zona interna negra; noutros pontos totalmente negra. Textura friável com abundantes elementos não plásticos iguais ou superiores a 1 mm. Diâmetro na boca ca. de 140 mm; esp. 8 mm. (Sond. 9, C.2).

24 — Fragmento de vaso esférico de bordo muito reentrante (forma globular), sem espessamento e de lábio convexo. Superfícies externa e interna cobertas por concreções calcáreas. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanho-amarelada (10YR5/4); zona intermédia negra; zona superficial interna da mesma cor da externa. Textura friável com abundantes elementos não plásticos superiores a 1 mm. Diâmetro na boca ca. de 120 mm; esp. 7/9 mm. (Sond. 9; C.2).

25 — Fragmento de vaso esférico de bordo muito reentrante (forma globular), com um leve espessamento interno e de lábio plano. Superfície externa muito bem alisada, quase polida, de cor negra com manchas castanho-amareladas (10YR5/4). Superfície interna mal alisada, da mesma cor. Secção da parede, de fora para dentro: nuns pontos totalmente negra; noutros pontos, zona superficial externa negra, zona intermédia castanho-amarelada (10YR5/4), zona superficial interna negra. Textura pouco compacta com abundantes elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm. Diâmetro na boca ca. de 125 mm; esp. 6/9 mm. (Sond. 9; C.2).

26 — Fragmento de vaso esférico de bordo muito reentrante (forma globular), sem espessamento, de lábio plano. Superfície externa alisada, castanha (5YR4/4). Superfície interna mal alisada, da mesma cor. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanha (5YR5/6); zona intermédia castanha escura (5YR3/4); zona superficial interna castanha (5YR5/6). Textura pouco compacta com abundantes elementos não plásticos de quartzo com ca. de 1 mm e alguns superiores a 1 mm. Esp. 10/14 mm. (Sond. 9; C.1).

27 — Fragmento de vaso de perfil exterior bicónico (interiormente a superfície da parede é suave). Bordo sem espessamento, de lábio convexo-aplanado. Superfície externa erodida, castanho-avermelhada (10R3/4). Superfície interna alisada, da mesma cor. Secção da parede totalmente da mesma cor. Textura semi-compacta com abundantes elementos não plásticos com 1 mm ou maiores. Diâmetro na boca ca. de 320 mm; esp. 10/13 mm. (Sond. 9; C.2).

28 — Fragmento de vaso de forma indeterminada, com furo de suspensão cilíndrico. Sem bordo. Superfície externa alisada, castanho-avermelhada (10R4/6). Superfície interna alisada e da mesma cor. Secção da parede totalmente da mesma cor. Textura compacta, com abundantes elementos não plásticos entre 0,5 mm e 1 mm. Esp. 8/9 mm. (Sond. 9; C.2).

29 — Fragmento (com bordo) de uma «queijeira». Lábio plano e levemente espessado interiormente. Superfície externa alisada, castanho-avermelhada (10R4/6). Superfície interna muito irregular, não alisada, da mesma cor. Secção da parede totalmente da mesma cor. Textura friável com abundantes grãos de quartzo superiores a 1 mm. A parede é atravessada por pequenos furos com ca. de 1 mm de diâmetro. Esp. 6/9 mm. (Sond. 9; C.2).

Da C.1 da mesma sond. proveio 1 fragmento que oferece características semelhantes, parecendo fazer parte do mesmo vaso.

As cerâmicas lisas recolhidas são, de um modo geral, caracterizadas por pastas pouco compactas, contendo elementos não plásticos grosseiros (maiores que 1 mm) e de cor variável, predominando os tons castanhos e castanhos-avermelhados com manchas ou zonas escuras quer à superfície quer em secção. As formas apresentam pouca variedade, dominando a taça média e o semi-esférico logo seguido do globular. Os bordos são quase exclusivamente não espessados. As superfícies, embora por vezes bem alisadas, são destituídas de polimento típico.

O pequeno número de exemplares de que dispomos, por um lado e a escassez de estudos sobre a cerâmica lisa dos povoados do nosso Calcolítico, por outro, impede-nos de extrair ilacções seguras.

Parece-nos estar em presença de um conjunto tardio. De facto, quase não surge o esférico alto de bordo direito ou levemente reentrante, tão comum em todas as regiões da cultura megalítica alentejana⁽²⁰⁾ (o n.º 23 é o único que se aproxima deste tipo) e cuja percentagem mais elevada foi encontrada na Rotura nos níveis inferior-

(20) Georges e Vera Leisner — «Antas de Reguengos de Monsaraz». Lisboa, 1951.

res ⁽²¹⁾. Por sua vez as taças e os semi-esféricos atingem a sua maior incidência na Rotura nos níveis superiores, campaniformes. Também os globulares, embora raros, apareceram na Rotura exclusivamente nos níveis superiores.

A «queijeira» surge em todos os níveis campaniformes do Cerro de la Virgen ⁽²²⁾.

3. CERÂMICA CAMPANIFORME

30 — 2 fragmentos de um vaso campaniforme ou caçoila, pertencendo um deles provavelmente ao bojo, e o outro ao fundo. Superfície externa alisada, com decoração, castanho-avermelhada (10R4/6). Superfície interna alisada, da mesma cor. Secção da parede totalmente castanho-avermelhada (10R4/6). Textura semi-compacta com numerosos elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm. Decoração por incisões contínuas: o fragmento do bojo apresenta duas faixas preenchidas por traços oblíquos de direcção alterna como é comum no tipo internacional (numa das faixas, alguns traços também oblíquos mas de direcção oposta cortam os demais); o fragmento do fundo mostra parte do motivo cruciforme. Esp. 5/6 mm. (Sond. 9; C.2).

31 — Fragmento; forma indeterminada; sem bordo. Superfície externa alisada, com decoração, castanha (5YR4/4). Superfície interna alisada, castanho-avermelhada (10R4/6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanha (5YR4/4); zona intermédia negra; zona superficial interna castanho-avermelhada (10R4/6). Textura semi-compacta com abundantes grãos de quartzo iguais e superiores a 1 mm. Decoração por incisão contínua: duas faixas horizontais preenchidas por traços oblíquos em ambas com a mesma direcção, separadas por uma zona lisa. Esp. 8 mm. (Sond. 9; C.1).

32 — 2 fragmentos de uma caçoila com carena acentuada, de colo pouco estrangulado; sem bordo. Superfície externa alisada, polida,

⁽²¹⁾ Carlos Tavares da Silva — op. cit.

⁽²²⁾ Wilhelm Schule e Manuel Pellicer — «El cerro de la Virgen», *Excavaciones arqueológicas en España*, n.º 46, 1966.

com decoração, castanha (5YR5/6) com manchas acinzentadas (5YR2/2). Superfície interna muito bem alisada, castanho-amarelada (10YR5/4). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanha (5YR5/6); zona intermédia castanha muito escura, quase negra (5YR2/2); zona superficial interna castanho-amarelada (10YR5/4). Textura compacta com alguns elementos não plásticos iguais a 1 mm. Decoração por incisões contínuas: faixas preenchidas por um fino reticulado que, há primeira vista, passa por pontilhado. Nota-se parte do motivo cruciforme do fundo. Esp. 3/5 mm. (Sond. 9; C.2).

33 — Fragmento de bojo de caçoilas ou vaso campaniforme. Superfície externa alisada, com decoração, acastanhada (5YR6/6), com manchas cinzento-acastanhadas (5YR3/2). Superfície interna muito erodida, acastanhada (5YR6/6). Secção da parede, de fora para dentro: nuns pontos, zona superficial externa acastanhada (5YR6/6), zona intermédia cinzento-acastanhada (5YR3/2), zona superficial acastanhada (5YR6/6); noutros pontos zona superficial externa cinzento-acastanhada (5YR3/2) e zona superficial interna acastanhada (5YR6/6). Textura compacta com abundantes elementos não plásticos maiores que 1 mm. Decoração por incisões contínuas: grandes triângulos preenchidos por traços oblíquos paralelos. Esp. 5/8 mm. (Sond. 9; C.2).

34 — Fragmento de forma indeterminada; sem bordo. Superfície externa alisada e polida, com decoração, castanho-avermelhada (10R4/6). Superfície interna alisada, castanha (5YR6/6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanho-avermelhada (10R4/6). Superfície interna alisada, castanha (5YR6/6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanho-avermelhada (10R4/6); zona intermédia negra; zona superficial interna castanha (5YR6/6). Textura pouco compacta com abundantes grãos de quartzo maiores que 1 mm. Decoração por incisões contínuas: faixa horizontal preenchida por traços verticais, traços paralelos horizontais, faixa horizontal preenchida por xadrez. Esp. 8/10 mm. (Sond. 8; C.1).

35 — 3 fragmentos de uma forma indeterminada; sem bordo. Superfície externa muito destruída, com vestígios de ter sido alisada, com Superfície interna muito destruída, castanha (5YR5/6). Secção da parede, castanha (5YR5/6) com manchas mais escuras (5YR3/4). rede, de fora para dentro: zona superficial externa castanha (5YR5/6 e 5YR3/4); zona intermédia espessa de cor negra; zona superficial interna castanha (5YR5/6). Textura pouco compacta com numerosos elementos não plásticos superiores a 1 mm. Decoração por incisão contínua: faixas em V preenchidas por traços perpendiculares aos seus limites. Esp. 10/12 mm. (Sond. 9; C.2).

36 — Fragmento de bojo de caçõila ou vaso campaniforme. Superfície externa bem alisada, quase polida, decorada, castanha (5YR4/4). Superfície interna muito bem alisada, quase polida, negra. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanha (5YR4/4); zona intermédia castanho-amarelada (10YR5/2); zona superficial interna negra. Textura compacta com elementos não plásticos normalmente inferiores a 0,5 mm. Decoração por incisões contínuas, preenchidas por substância branca, muito complexa: faixas horizontais preenchidas por traços verticais, traços horizontais, traços em zig-zag. Esp. 8 mm. (Sond. 9; C.1).

37 — Fragmento de taça de bordo decorado. Bordo espessado internamente. Superfície externa alisada, decorada, castanha muito escura (5YR2/2) ou negra. Superfície interna alisada e da mesma cor. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa negra; zona intermédia castanha (5YR3/4); zona superficial interna negra. Textura compacta com poucos elementos não plásticos com ca. de 1 mm. Decoração por incisões contínuas: no lábio triângulos preenchidos por traços e losangos lisos, faixa em zig-zag preenchida por traços paralelos; na face externa, traços verticais, traços horizontais e oblíquos. Esp. 9 mm a 24 mm (no lábio). (Sond. 9; C.2).

Na cerâmica campaniforme noticiada é relativamente elevado o número de pastas compactas, contendo elementos não plásticos iguais ou superiores a 1 mm. A sua cor é predominantemente acastanhada

com manchas ou zonas escuras superficiais e em secção. Só em um exemplar, a caçoila n.º 32, foi observado polimento.

Não é possível verificar se alguma forma se destaca sobre as demais. Presentes, claramente, a caçoila de carena acentuada e a taça tipo Palmela.

A decoração, quer pela técnica, exclusivamente incisa e num caso com incrustações, quer pelos motivos, aproxima-se do campaniforme da Meseta e encontra paralelos no território português muito especialmente em Montum (Melides) ⁽²³⁾, Casas do Canal ⁽²⁴⁾, em algumas grutas naturais das regiões de Setúbal e Lisboa como Bugiu ⁽²⁵⁾, Lapa do Fumo ⁽²⁶⁾, Fojo dos Mercegos ⁽²⁷⁾, Cova da Moura ⁽²⁸⁾ e povoados como Negrais ⁽²⁹⁾.

Dois dos signatários ao estudarem o povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Palmela) ⁽³⁰⁾ consideraram três grupos de estações quanto ao tipo de cerâmica campaniforme. Nas do primeiro predomina o vaso internacional e a decoração pontilhada; a técnica de fabrico é em geral apurada; a caçoila é normalmente de perfil suave (Vila Nova de S. Pedro, Rotura, Zambujal, Pedra de Ouro, Penedo — povoados que foram importantes durante o Calcolítico Médio). Nas

⁽²³⁾ O. da Veiga Ferreira, G. Zbyszewski, M. Leitão, C. T. North e H. Reynolds de Sousa — op. cit.

⁽²⁴⁾ G. e V. Leisner — «Antas das Herdades da Casa de Bragança do Concelho de Estremoz». Lisboa, 1955.

⁽²⁵⁾ R. Monteiro, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira — «Nota preliminar sobre a Lapa pré-histórica do Bugiu (Azoia — Sesimbra)», *Actas do II Congresso Nacional de Arq.*, vol. I, Coimbra, 1971.

⁽²⁶⁾ Eduardo da Cunha Serrão — «Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)», *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

⁽²⁷⁾ Gustavo Marques — «Fojo dos Morcegos — Assafora (Sintra)», *Actas do II Congr. Nac. de Arq.*, vol. I, Coimbra, 1971.

⁽²⁸⁾ Ricardo Belo, Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira — «Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras)», *Com. dos Serv. Geológicos de Portugal*, T. 45, Lisboa, 1961.

⁽²⁹⁾ E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente — «Note préliminaire sur la station eneolithique de Negrais», *Actas do IV Congr. Intern. de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas*. Zaragoza, 1956.

⁽³⁰⁾ Joaquina Soares, Nuno Barbieri e Carlos Tavares da Silva — «Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo — Palmela)», *Arqueologia e História*, S. 9, vol. IV, Lisboa, 1972.

do segundo predomina a taça tipo Palmela e a decoração a pontilhado; o fabrico é em geral grosseiro (Moinho da Fonte do Sol, Pedrão e outros povoados, especialmente da Pré-Arrábida). Finalmente, nas do terceiro é quase exclusiva a decoração incisa; a caçoila aparece frequentemente com carena pronunciada (principalmente grutas naturais).

Os mesmos dois signatários ao estudarem recentemente o espólio da ocupação calcolítica do povoado do Pedrão (Setúbal) ⁽³¹⁾ notaram que nesta estação onde domina a taça tipo Palmela pontilhada, não surgia, e à semelhança do Moinho da Fonte do Sol, cerâmica de tipo «folha de acácia» que é muito frequente no povoado da Rotura situado apenas a 500 m do Pedrão. Na Rotura essa cerâmica aparece perfeitamente estratigrafada, sendo muito abundante nos níveis médios pré-campaniformes e já decadente no nível campaniforme que, como se disse, apresenta abundância de vaso internacional e fraca percentagem de taça de bordo decorado. Este dado parece vir corroborar a hipótese de o desenvolvimento da taça tipo Palmela pontilhada corresponder a um momento posterior ao do vaso internacional, quando já tinha sido abandonado, pelo menos na região de Setúbal, o uso da decoração tipo «folha de acácia».

A Barrada do Grilo insere-se no terceiro desses grupos, cuja cronologia relativamente aos dois restantes é por enquanto impossível de determinar. A hipótese de que a técnica incisa associada à chamada decoração compósita seja, dentro da evolução da cerâmica campaniforme, a mais recente carece ainda de verdadeiras provas. Existem por enquanto indícios que levantam suspeitas nesse sentido.

Julgamos oportuno referir o campaniforme estratigrafado do Cerro de la Virgen (Granada).

Notou-se aí ⁽³²⁾ que, de facto, o pontilhado (e o vaso internacional) atingia a sua incidência máxima no nível campaniforme mais inferior, embora a decoração incisa predominasse.

⁽³¹⁾ Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva — «A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal», Com. ao I Col. Arq. da Pen. de Setúbal (1973).

⁽³²⁾ Wilhelm Schule e Manuel Pellicer — op. cit.

Uma casa do período da cerâmica campaniforme do Cerro de la Virgen (nível inferior), situada a 4,5 m de profundidade, foi datada de 3.890 ± 40 anos = 1940 a.C. O limite cronológico inferior foi de $3.920 \pm 35 = 1970$ a.C. e o superior para o campaniforme foi de $3.800 \pm 35 = 1850$ a.C. ⁽³³⁾.

Por outro lado observou-se ⁽³⁴⁾ que no dolmen de Aldeavieja de Tormes (Salamanca) se encontraram cerâmicas pontilhadas e incisas tipo Ciempozuelos juntamente com materiais de dois momentos distintos: um lítico e outro com objectos de metal, enquanto a sepultura de Pago de la Peña (Zamora) forneceu cerâmica incisa (de Ciempozuelos) e espólio metálico. Isto pode fazer pensar, como escreve Ricardo Martin Valls, que o vaso pontilhado seria contemporâneo do conjunto lítico e, por conseguinte, de uma fase anterior.

Também em França, no Midi, como nota J. Guillaîne, os dolmenes recebem muito frequentemente campaniforme internacional e cordado, cerâmicas que quase não aparecem nas grutas utilizadas em geral mais tarde, nos finais do Calcolítico, durante o Bronze antigo e mesmo no Bronze médio. Nas grutas são frequentes os campaniformes pirenaicos (incisos) ⁽³⁵⁾.

4. FAUNA

A fauna que chegou até nós reduz-se unicamente a conchas de moluscos:

- *Cardium edule* (Sond. 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8).
- *Tapes decussatus* (Sond. 9).
- *Scrobicularia plana* (Sond. 2, 3, 4, 5, 6).

⁽³³⁾ Martin Almagro Gorbea — «C — 14, 1972. Nuevas fechas para la prehistoria e la Arqueologia Peninsular», Trabajos de Prehistoria, v. 29 (N. S.) Madrid, 1972).

⁽³⁴⁾ Ricardo Martin Valls — «Hallazgo de ceramica campaniforme en Pajares de Adaja (Avila)», Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia, T. 37. Valladolid, 1971.

⁽³⁵⁾ Jean Guillaîne — «La nécropole mégalithique de la Clape (Aude)». Cascaes, 1972.

III

1. A localização da estação a Sul do Estuário do Sado e no interior veio alargar a área de distribuição da cerâmica campaniforme em território português. Enquanto que as sepulturas de Montum (Melides), recentemente dadas a conhecer, mostraram, de forma inequívoca, uma expansão dessa cerâmica ao longo do litoral para Sul da Península de Setúbal, a estação de povoado da Barrada do Grilo, indica, por sua vez, como aliás já se havia suspeitado pelo aparecimento do fragmento de taça tipo Palmela em Aljustrel ⁽³⁶⁾ uma propagação dessa cerâmica no sentido do interior.

2. As condições naturais de defesa são pouco importantes. Tanto a escavação como a prospecção de superfície não detectaram vestígios de amuralhado, o que contudo nos impede de afirmar a ausência de um sistema defensivo em que poderiam ter sido utilizados materiais perecíveis.

3. No espólio lítico distinguem-se dois grupos que correspondem a diferentes áreas da estação, um atribuível a uma breve ocupação do Epipaleolítico Final e outro ao Calcolítico.

4. O conjunto de formas da cerâmica lisa não obriga a considerar mais do que uma ocupação calcolítica; tais formas predominam nos níveis superiores da Rotura.

5. Na cerâmica campaniforme a técnica decorativa consiste exclusivamente na incisão contínua. A temática predominante é complexa. Apareceu também, em um caso, incrustação a branco a realçar essas composições decorativas, facto muito frequente no campaniforme de Carmona.

Julgamos estar em presença de um momento bem determinado dentro do período da cerâmica campaniforme, do terceiro (de J. S. e C. T. S.) do desenvolvimento do campaniforme das penínsulas de Lisboa e Setúbal ⁽³⁷⁾.

⁽³⁶⁾ Hermanfrid Schubart — «O Horizonte de Ferradeira», Rev. de Guimarães, vol. 81. Guimarães 1971.

⁽³⁷⁾ Comunicação apresentada à Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 24 de Abril de 1973.



Fig. 1 — Localização da Barrada do Grilo na Península Ibérica

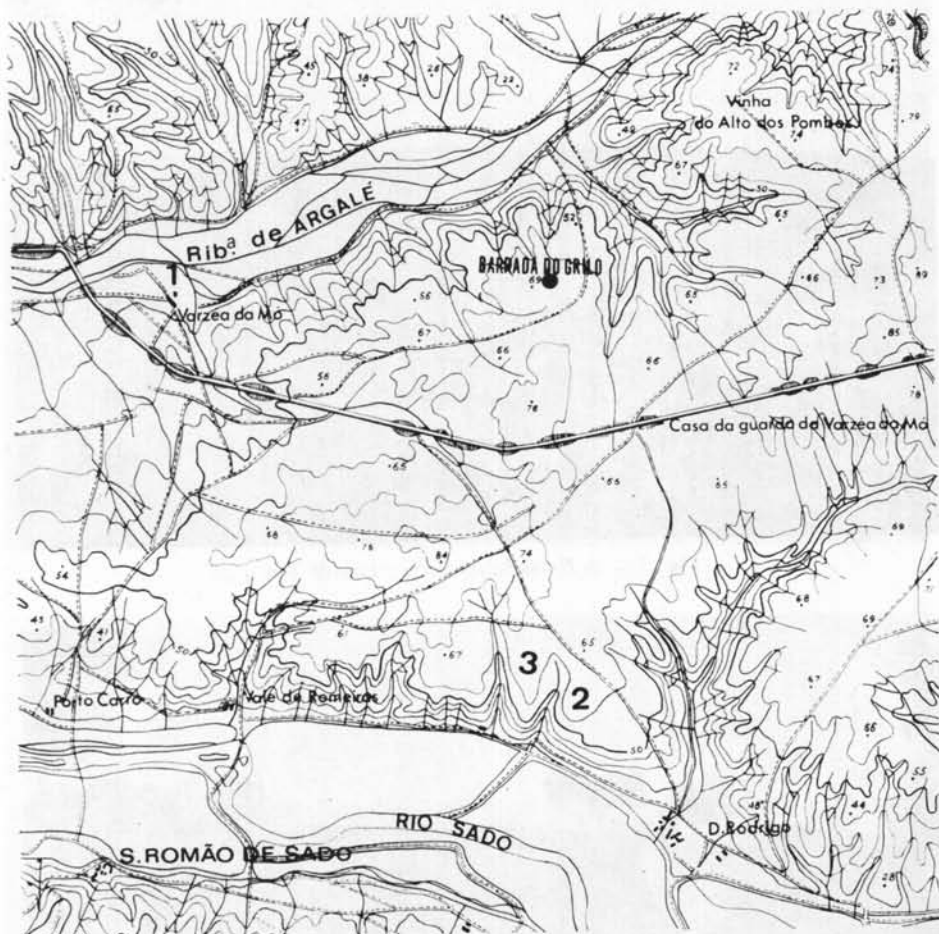


Fig. 2 — Localização da Barrada do Grilo e de alguns concheiros epipaleolíticos do Vale do Sado.

● Barrada do Grilo

- 1 — Concheiro epipaleolítico de Várzea da M6.
- 2 — Concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez.
- 3 — Concheiro epipaleolítico de Vale de Romeiras.

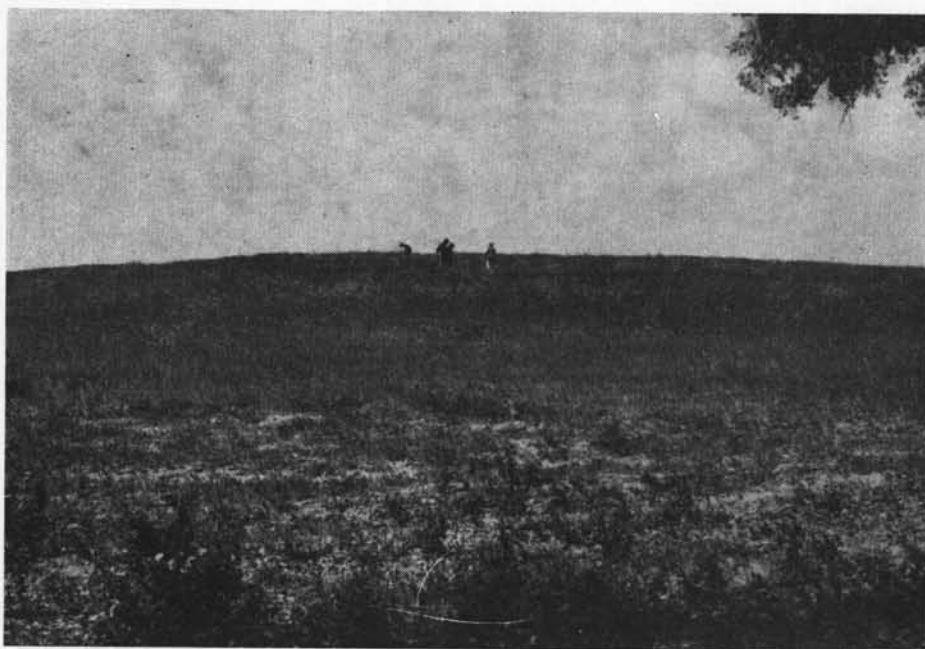


Fig. 3 — A *Barrada do Grilo* vista de Sul



Fif. 4 — A *Barrada do Grilo* vista de W



Fig. 5 — Tirada da *Barrada do Grilo* para Norte



Fig. 6 — Tirada da *Barrada do Grilo* para Este



Fig. 7 — Tirada da *Barrada do Grilo* para Sul

R É S U M É

Barrada do Grilo, situé à l'arrondissement d'Alcácer do Sal, paroisse du Torrão, dans le coeur de la région des amas coquilliers épipaléolithiques de la vallée du fleuve Sado, se trouve dans une colline de petite altitude et de pentes douces. Les conditions naturelles de défense sont peu importantes; au cours de son excavation et prospection de surface n'ont été révélés quelques signaux de murailles.

Les matériaux archéologiques devenus objets de cet étude ont été recueillis d'anciennes excavations tenues par Mr. le Prof. Manuel Heleno et se trouvaient inédits.

Considérant la distribution des matériaux par des sondages (nombre de 12) il a été possible d'identifier deux occupations chronologiquement distinctes avec des situations différentes dans la station.

En ce qui concerne les matériaux lithiques, on peut distinguer deux groupes, l'un attribué à une brève occupation de l'épipaléolithique finale, l'autre au chalcolithique.

L'ensemble de formes de la céramique inornée nous ne fait considérer qu'une occupation chalcolithique; telles formes sont très abondantes aux niveaux supérieurs (campaniformes) de Rotura.

La céramique campaniforme tellement abondante présente une grande homogénéité: la technique de décoration ne se rapporte qu'à l'incision continue et la thématique prédominante est complexe.

Un des vases montre des incrustations à blanc, ce qu'il est très fréquent dans le campaniforme de Carmona.

Le type de céramique campaniforme y trouvée, de caractères qui le rendent proche de ceux du Plateau Spagnol (Meseta), apparaît au Portugal surtout en grottes naturelles, mais il se trouve aussi en quelques endroits des alentours de Lisbonne (Montes Claros, Negrais), au dolmen de Casas do Canal (Estremoz) et plus récemment en sépultures individuelles dans la couche supérieure du monument mégalithique de Montum (Melides) associé à quelques formes campaniformes inornées et à des pointes de flèches en cuivre type Palmela. Il paraît correspondre à une phase avancée du développement de la poterie campaniforme.

Barrada do Grilo est venu, donc, élargir la distribution de la céramique campaniforme pour le sud de l'embouchure du Sado; il signale sa diffusion, du type incise et *compositum*, vers l'intérieur.

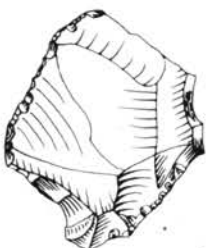
Les coquilles de *Cardium edule* et de *Scrobicularia plana* (les mollusques les plus abondants des amas coquilliers épipaléolithiques de la vallée du Sado) ont aparu associés à des pièces de type épipaléolithique, pendant que les coquilles de *Tapes decussatus* (une des sortes de mollusques les plus abondantes des villages chalcolithiques de l'Estremadura portugaise) ont aparu associées aux matériaux chalcolithiques.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11

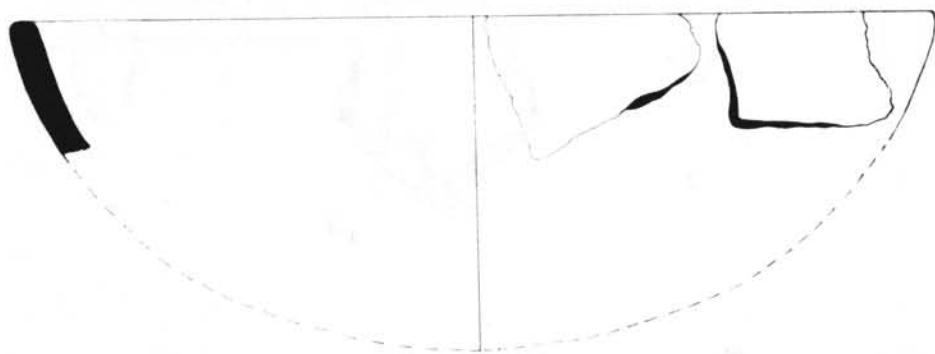


12



13





14



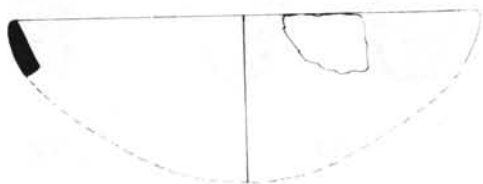
15



16



17



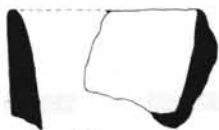
18



19



20



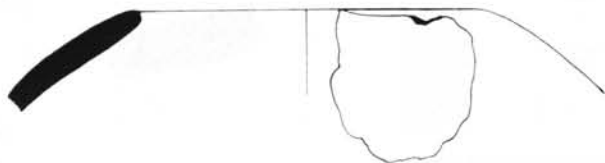
21



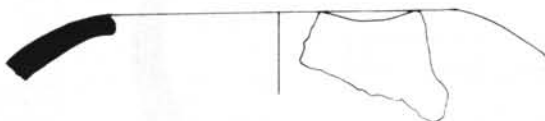
22



23



24



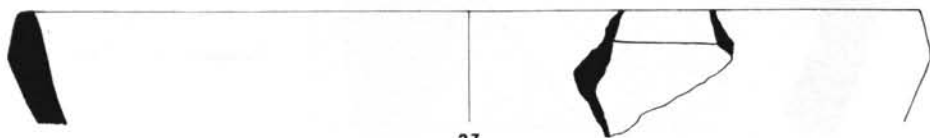
25



26

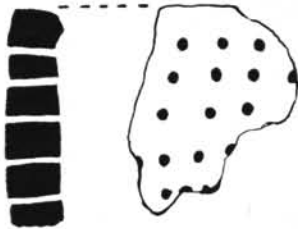


28

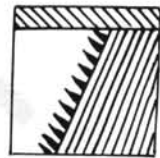
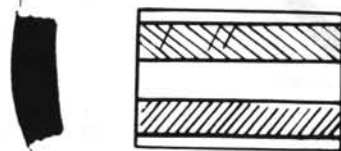


27

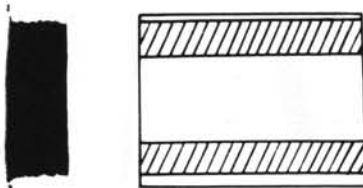




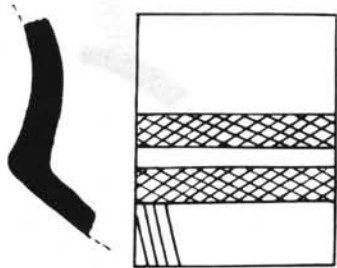
29



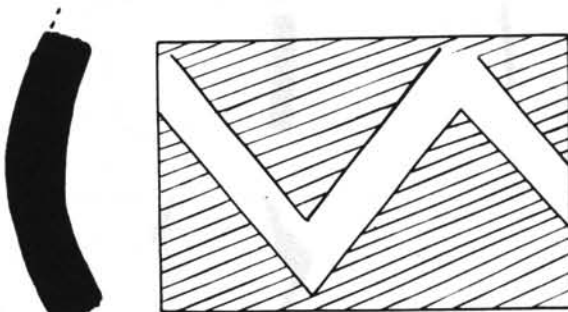
30



31

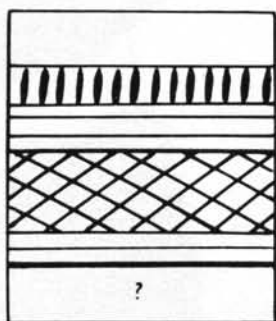


32

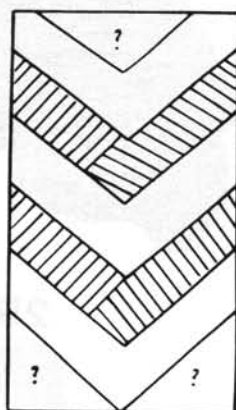


33

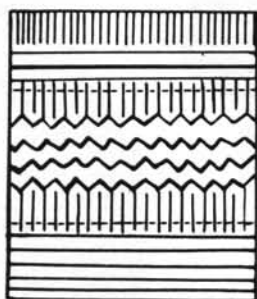




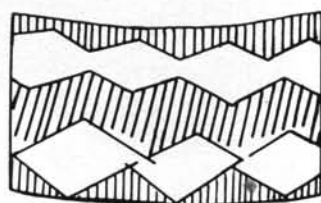
34



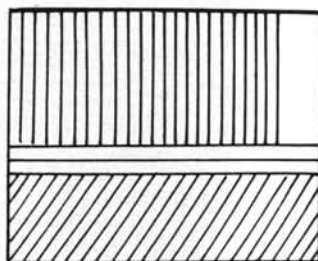
35



36



37





29



30



31



32



33

O n.º 33 em tamanho natural. O n.º 30 e 32 ampliados 1,5 ×. Os n.ºs 29 e 31
ampliados 2 ×



34



35



36



37

(Ampliação: 2 X)